

ROBIN BLACKBURN: UMA TRAJETÓRIA ENTRE A HISTÓRIA E A SOCIOLOGIA

O prof. Robin Blackburn, historiador social, sociólogo e pesquisador britânico que leciona na New School for Social Research em Nova York e na Universidade de Essex, no Reino Unido, esteve na Paraíba em março de 2013, numa das diversas escalas em seu périplo acadêmico pelo Nordeste brasileiro.

Ex-diretor da consagrada revista *New Left Review*, seu foco de pesquisa sempre gravitou em torno de temas ligados à escravidão e ao colonialismo no Mundo Moderno, bem como ao desenvolvimento do capitalismo. Autor profícuo, tem diversos livros traduzidos para o português e publicados no Brasil, dentre os quais se destacam *A Queda do Escravismo Colonial* (Record, 2002), *Construção do Escravismo no Novo Mundo: do Barroco ao Moderno* (Record, 2003), e *Sociologia: conceitos chave* (Zahar, 2010).

Em 11 de março de 2013, após proferir uma palestra sobre um de seus últimos livros, *The American Crucible: slavery, emancipation and human rights* (Verso Books, 2013), o professor Blackburn concedeu uma entrevista à equipe de *Sæculum*, tratando de sua trajetória acadêmica e interesses de pesquisa, em inglês. A versão aqui publicada é uma tradução dessa conversa.

Entrevistadores: Gustavo Acioli Lopes e Solange Pereira da Rocha.

Tradução: Gustavo Acioli Lopes e Maximiliano M. Menz.

Transcrição: Felipe Novaes.



Sæculum: Você é reconhecido como historiador e sociólogo. Qual foi a sua formação na graduação e na pós-graduação?

Robin Blackburn: Eu estudei Sociologia e Economia na *London School of Economics* e, também, escolhi a História Econômica como um tema. Eu considero que o meu interesse foi estimulado tanto pelos meus colegas estudantes quanto pelos meus professores. Acho que isso não é tão incomum. Mas, realmente, estive envolvido na agitação da Nova Esquerda inglesa¹, que teve figuras notáveis como Edward Thompson e Stuart Hall, e eu era um jovem de 20 ou 21 anos e, assim, eu estava no meio dos colegas estudantes, no meio da loucura da Nova Esquerda,

¹ *New Left* ou Nova Esquerda é o nome pelo qual se identificou um movimento político na Grã-Bretanha a partir de 1956, que surgiu devido ao desencantamento com o socialismo soviético, marcado pela invasão da Hungria, e pelo impacto de ações imperialistas das potências ocidentais, como a invasão do Canal de Suez pelos franceses e britânicos à mesma época. Buscava ser uma terceira via política, afastando-se do stalinismo e mantendo-se crítica ao capitalismo. Cf. Stuart Hall, "Life and Times of the First New Left". *New Left Review* 61, January-February 2010, p. 177-96.

incluindo pessoas mais velhas, um pouco mais velhas que eu, dez ou quinze anos mais velhas que eu, como Thompson ou Hall, e acho que o meu interesse pela escravidão foi algo que se desenvolveu, em parte, quero dizer, como resultado das influências da Nova Esquerda; mas, de fato, [da influência do] grande trabalho de Edward Thompson sobre *A Formação da Classe Operária Inglesa*². O livro, na realidade, não abordava o tema do antiescravismo, que se desenvolveu como uma campanha popular durante o período que ele abrange no livro. Tem várias referências a William Wilberforce³, mas sobre sua condição como um amigo no Governo, não sobre sua posição como um propagandista contra a escravidão. Eu acho que fui apresentado pela primeira vez aos estudos sobre a escravidão e as revoltas de escravos pelo trabalho de C. L. R. James, acima de tudo pelo seu grande trabalho *Os Jacobinos Negros*⁴. E um de meus colegas de classe na *London School of Economics* (LSE) era um jamaicano, Orlando Patterson⁵, que, desde muitos anos, tem dado aula na Universidade de Harvard, mas que naquela época era um estudante de graduação na LSE junto comigo, e ele também conheceu C. L. R. James, assim como eu também, lendo *Os Jacobinos Negros*, pude [então] conhecer o grande historiador trinidadiano. É um livro muito bem escrito e uma história muito estimulante. Tornou-se claro para mim que esta [a revolução de S. Domingos] foi a primeira grande ruptura antiescravista; de fato, [o antiescravismo] não foi, como eu fui levado a acreditar, devido às ações de europeus piedosos e iluminados, mas por causa das próprias revoltas dos escravos nas zonas de *plantation* e, acima de tudo, no São Domingo francês. E aquilo estimulou meu interesse. Devo dizer que aquele era um método de estudar, realmente, um tipo de história política, que era o trabalho de C.L.R. James. Ele era um marxista, na verdade, um trotskista e, portanto, havia muito em seu método que cruzava as disciplinas, então, eu não o estava lendo estreitamente como um sociólogo ou um historiador ou um economista, mas [como um autor] usando um pouco de cada uma destas abordagens. E eu suponho que seja conveniente mencionar que se você está lendo C. L. R. James, você está lendo Eric Williams, o outro grande historiador trinidadiano, autor de *Capitalismo e Escravidão*⁶, que nos apresentou e enfatizou os aspectos econômicos das questões, que Williams desenvolveu, de fato, em suas conversas com C. L. R. James. Os dois discordavam sobre um monte de coisas a respeito da política contemporânea, mas, em seus trabalhos históricos, eles encontravam algumas áreas de acordo [input agreement].

Sæculum: Em seus trabalhos, você faz referências às obras de Eric Williams. Quais são as suas concordâncias e discordâncias em relação ao trabalho deste autor?

Robin Blackburn: Acho que esta é a questão correta sobre o trabalho de

² THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, 3 vols. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

³ Abolicionista inglês.

⁴ JAMES, C. L. R. *Os Jacobinos Negros*. São Paulo: Boitempo, 2000.

⁵ O livro mais influente deste autor é: PATTERSON, O. *Escravidão e morte social: um estudo comparativo*. São Paulo: EDUSP, 2008.

⁶ WILLIAMS, E. *Capitalismo e Escravidão*. (trad.) São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

Eric Williams, porque há alguns argumentos muito importantes com os quais eu concordo. Por outro lado, eu devo discordar dele em algumas questões. A questão que eu penso que ele pôs, realmente, numa forma muito proveitosa é a relação entre o crescimento dos sistemas escravistas no Caribe e no Brasil e na América do Norte e os lucros que vieram do comércio de escravos e das *plantations*, que foram bastante altos, e eles deram uma contribuição, de acordo com Eric Williams, ao avanço econômico britânico e, particularmente, ao que é chamado de Revolução Industrial. Em *A Construção do Escravismo no Novo Mundo*⁷ eu dediquei um capítulo bastante longo para explicar que houve, de fato, uma contribuição muito grande feita pela *plantation* escravista e, em comum com alguns historiadores econômicos recentes como Kenneth Pomeranz⁸, eu vejo que, de uma certa maneira, a colonização européia e a escravização de cativos africanos contribuíram com a produção e constituíram uma anexação de território, o que alguns historiadores têm chamado de “ghost acreage”⁹, acrescentando-se à terra disponível para a classe dominante na Grã-Bretanha. Pomeranz argumenta que se a Inglaterra tivesse que produzir todo o algodão que eles utilizaram nas manufaturas de algodão, não teria restado nenhuma terra para qualquer outra produção. Então, esta foi uma importante contribuição que se deu. Eu também acho que se pode ver que os lucros obtidos pelos mercadores de Liverpool e Londres contribuíram muito diretamente para a industrialização e para os cotonifícios em Lancashire. Houve uma conexão muito clara e forte entre os locais onde estavam os mercadores que comercializavam com a América e as áreas onde o avanço industrial aconteceu pela primeira vez, acima de tudo os têxteis no Lancashire e a metalurgia nas Midlands e Birmingham. Eu coloco uma ênfase particular no algodão, o qual estava bem adaptado aos métodos industriais.

Contudo, eu acho que é importante compreender que o trabalho na *plantation* [...] representou um tipo de pressão de intensa exploração industrial das “turmas de escravos”¹⁰, mas havia diferenças importantes e, de fato, o trabalho agrícola nos campos de algodão, nas plantações de açúcar e na cafeicultura era, realmente, um tipo de trabalho que não era bem adaptável à mecanização e esta é a razão pela qual o trabalho escravo tornou-se o mais condizente com aquele tipo de trabalho. Assim, nós temos um tipo de trabalho forçado, mas com um ritmo coletivo: tem-se a turma de escravos e, ao mesmo tempo, você tem a habilidade do escravo em colher exatamente o grão de café que está amadurecendo ou o cafeeiro que está exatamente pronto para ser processado. É uma questão de coordenação entre o olho e a mão e de julgamento para dizer quando a safra está precisamente madura e não há nenhuma máquina capaz de fazer isto, mesmo hoje em dia. As máquinas são menos eficientes que a mão e o olho para dizer quando a safra está pronta. Por isso, a mecanização hoje é bastante desperdiçadora. Nos séculos XVII, XVIII e XIX,

⁷ BLACKBURN, R. *A construção do escravismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

⁸ Autor de *The great divergence*. China, Europe, and the making of the modern world economy. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2000.

⁹ Isto é, a capacidade de importar bens primários de áreas coloniais, cuja produção, se realizada com os fatores internos da economia importadora, exigiria uma quantidade de terras além de sua capacidade. Assim, a economia consumidora, ao ser abastecida por bens coloniais, pode dedicar suas terras à produção de outros bens mais rentáveis.

¹⁰ *Slave gangs*.

a turma de escravos era capaz de fazer muito daquilo que não poderia realmente ser feito senão com as mãos. Assim, eu penso que Eric Williams estava muito certo em colocar tal ênfase na contribuição do escravismo para a emergência do capitalismo. Eu suponho que em meu trabalho eu inverti um pouco [o argumento de Williams], porque eu também argumento que foi a emergência do capitalismo que criou um mercado para os bens produzidos por escravos: acima de tudo, fazendeiros ingleses, jornalistas¹¹ ingleses, trabalhadores agrícolas e senhores de terra ingleses. Eles sustentaram a economia monetária: eles estavam desenvolvendo um tipo de capitalismo no meio rural baseado no trabalho assalariado, trabalho pago, baseado em fazendeiros [arrendatários] tendo que pagar renda aos senhores das terras, senhores de terra recebendo em dinheiro. Fazendeiros tendo que aprender como obter dinheiro para pagar aquela renda aos senhores de terra, e trabalhadores sendo pagos com pouco, mas, ainda assim, sendo pagos em dinheiro, o que lhes dava um pouco mais de arbítrio sobre em que gastar o dinheiro. Eles começaram, junto com a nova classe média, junto com os fazendeiros, a comprar supérfluos específicos, como têxteis de algodão, açúcar e tabaco. Então, estes supérfluos exóticos e populares introduziram cestas de consumo mais estimulantes. Eles dinamizaram a maneira de consumir e, neste sentido, eles contribuíram para um novo tipo de acumulação capitalista.

Eu acho que a importância de Eric Williams é: ele começou a explorar estas questões de uma forma muito empírica e de uma forma conceitual bastante interessante. Claro que há alguns pontos nos quais as nossas pesquisas evoluíram além de Eric Williams, mas ele foi que nos incentivou nesta direção. Onde eu não concordaria com Eric Williams é: ele tem uma explicação do surgimento do anti-escravismo que enfatiza que a escravidão tornou-se obsoleta como um resultado da revolução industrial e eu não acho que seja o caso, na medida em que a revolução industrial desenvolveu-se a partir da introdução do motor a vapor e o transporte foi revolucionado pelo navio a vapor e pelas ferrovias. Na verdade, o número de escravos nas *plantations* não diminuiu, de fato, aumentou de pouco menos de três milhões em 1800 para seis milhões em 1860. Assim, houve uma duplicação no número de escravos e um aumento na produtividade do trabalho escravo, e houve um enorme aumento na quantidade de açúcar, algodão e café, os verdadeiros três grandes produtos produzidos por escravos. Eles compunham uma parte muito importante do comércio atlântico; aproximadamente metade de todo comércio atlântico era comércio em escravos ou de produtos feitos por escravos. E era de enorme importância para as receitas, tarifas, rendas, dos grandes estados como a Grã-Bretanha, França, Espanha, Portugal, mas também, claro, para os Estados Unidos. Uma das principais fontes de renda do governo eram as tarifas, impostos de entrada, arrecadados sobre esta produção por escravos. Assim, havia lucros privados obtidos com esta produção escravista; havia também uma renda governamental que era retirada dela [produção escravista] e, portanto, era um aspecto principal da política econômica do Atlântico no final do século XVIII e no início e meados do século XIX.

¹¹ Trabalhadores rurais que eram pagos a cada dia de trabalho.

Sæculum: Os historiadores econômicos costumam se dividir em relação à abordagem da Revolução Industrial entre o lado da demanda e o lado da oferta, ou seja, se a Revolução Industrial foi impulsionada pelas exportações ou originou-se das mudanças no campo inglês, que levaram ao crescimento do mercado interno, como você mencionou.

Robin Blackburn: Eu acho que as origens do capitalismo na Grã-Bretanha remontam aos séculos XVI e XVII. E as novas características cruciais no campo era que havia fazendeiros que, por arrendarem terras e pagarem uma renda aos senhores, tinham o interesse e a possibilidade de aumentar a produtividade do trabalho adotando máquinas e novos métodos agrícolas e novas sementes. Nesta situação, o explorador, que é o fazendeiro [arrendatário], especialmente o grande fazendeiro, tinha o controle direto da produção, o que não era o caso nos campos do senhor de terras, onde o controle direto da produção estava ainda com os camponeses e eles viviam num mundo bastante autocontido e auto-suficiente. Isto se desenvolveu com a diferenciação tripartida entre senhores de terra, fazendeiros e trabalhadores assalariados no campo inglês, mas isto ainda não era a industrialização. Eu considero que a Grã-Bretanha foi levada pelo caminho da industrialização, em parte, pela demanda ultramarina, acima de tudo, pelas colônias de *plantation*. A Grã-Bretanha estava enfrentando dificuldades para vender seus bens na Europa, em parte porque havia o mercantilismo que estava obstruindo, e, talvez sem saber o quão importante isto seria, optou pelo comércio atlântico, pelos lucros do comércio de escravos, pelo lucro das *plantations*. Isto levou a uma situação onde havia uma demanda por novos produtos, novos têxteis, por roupas e produtos da metalurgia, utensílios simples de metal, [demanda] vinda da zona de *plantation*, dos Estados Unidos, onde também havia fazendeiros fornecendo alimentos para as *plantations*, com os quais eram alimentados os escravos. Também, no caso da África, havia [demanda por] roupas, têxteis e utensílios de metal. Havia uma grande parcela dos bens do comércio de resgate que os mercadores [britânicos] eram capazes de ofertar aos mercadores africanos. Assim, eu teria argumentado pelo impulso vindo da demanda. Eu penso que é necessário um choque para estabelecer os meios de fazer as coisas para produzir a industrialização e, de certa forma, a *plantation* escravista, que foi uma primeira revolução industrial, foi um tipo de intensa revolução de manufaturados nas *plantations*, e isto conduziu à emergência de métodos industriais e produtos industriais. Não foi, é claro, a maneira perfeita de fazer as coisas do ponto de vista econômico e do ponto de vista humanitário. Foi, de fato, uma maneira muito ruim. Representeou um escorregão para o passado e intensificou uma relação mais opressiva que a que existia na Inglaterra à época. Desta forma, eu acho que os historiadores econômicos têm atentado para a importância do comércio com as *plantations* e o tráfico de escravos. No meu livro mais recente, *The American Crucible: Slavery, Emancipation and Human Rights*¹², eu estabeleço um argumento econômico e posso citar alguns dos principais historiadores muito favoráveis aos argumentos que eu também sustento. Mas esta dimensão econômica não significa que Eric Williams estava certo sobre o

¹² BLACKBURN, R. *The American Crucible: Slavery, Emancipation and Human Rights*. Londres: Verso, 2013.

Abolicionismo e, aqui, eu de fato acho que a abordagem de C.L.R. James era mais frutífera de várias maneiras. Ele chamou nossa atenção para a grande ruptura em S. Domingos, no Haiti, nos anos 1790, levando ao estabelecimento do primeiro Estado sem escravos na América, o Haiti, em 1804. E, de fato, a característica principal do trabalho de C.L.R. James é que ele olha para a natureza mutuamente reforçadora entre os movimentos populares na metrópole, no front de Paris durante a revolução, e o desenvolvimento da revolta escrava a partir de agosto de 1791, quase [ao mesmo tempo] em S. Domingos. De forma que nós temos uma situação pela qual algo tão central para a sociedade como o escravismo colonial, que poderia efetivamente ser desafiado; algo que nem mesmo a filosofia [pôde prever], incluindo os grandes filósofos, como Condorcet, que criticou a escravidão, mas ele achava que era impossível e impraticável aboli-la rapidamente. Ele acha que levaria 75 anos para realmente desmontar a escravidão e, portanto, ele falhou completamente em prever o que estava para acontecer em S. Domingos na década 1790. De fato, foi uma enorme surpresa para todos e teve um grande impacto.

Sæculum: Em *A Construção do Escravismo no Novo Mundo*, você escreveu sobre o escravismo barroco, de um lado, e o escravismo moderno, de outro. Em *A Queda do Escravismo Colonial*, você escreve sobre a “escravidão extensiva” e a “escravidão sistemática”. Você concorda que houve uma divisão entre um Atlântico ibérico e um Atlântico desenvolvido pelos Estados do Noroeste europeu?

Robin Blackburn: Eu acho que houve fases distintas no estabelecimento do sistema escravista do Novo Mundo e houve um período inicial que foi, realmente, um tipo de modernidade alternativa, o que não quer dizer que todas as suas dimensões fossem positivas; mas elas eram, no mínimo, diferentes daquelas que se desenvolveram posteriormente, [diferente] da escravidão que havia nas Américas, particularmente na América Ibérica, católica, nas América hispânica e portuguesa, por exemplo, era um tipo de escravidão que remetia muito mais ao que existia na Península Ibérica que o tipo de plantation desenvolvida na Jamaica ou em S. Domingos ou na Virginia no século XVIII. No período inicial, no século XVI e no início do século XVII, havia escravos, muitos deles eram domésticos, muitos eram artesãos, ajudando a construir as novas cidades da América e a habitar as novas cidades. Os povos indígenas temiam estas cidades e fugiam delas. Assim, havia uma escassez de população, e os cativos africanos ajudaram a preencher esta lacuna. As autoridades brasileiras [sic], espanholas e portuguesas no Brasil, no sul espanhol, na América central, elas tinham uma lei que permitia a manumissão, a liberdade do escravo, adquirida com muita dificuldade e com muito trabalho. Um escravo levaria de 20 a 30 anos para se libertar, mas eles tinham mais autonomia em seu trabalho, e, frequentemente, eles podiam trabalhar como artesãos, oferecendo serviços por dinheiro e, assim, podiam poupar algum dinheiro para eles mesmos. Eles tinham que dar maior parte do dinheiro aos seus proprietários, mas poderiam poupar um pouquinho de dinheiro para comprar a própria liberdade ou a de um filho seu. E, assim, em meados do século XVII, da população negra, você encontraria metade como escrava e metade, livre; portanto, isto era a escravidão numa forma transitória. Era racializada, porque eram apenas africanos e indígenas que eram

escravizados. Os europeus brancos eram protegidos da escravidão, então, era um sistema francamente racializado.

No século XVIII, nós temos a emergência de um tipo mais intenso de modernidade, que começou a refletir um desenvolvimento capitalista na Europa e, posteriormente, o desenvolvimento industrial e, desta forma, [a escravidão] tornou-se mais intensa, mais concentrada e mais racializada. Houve uma escassez de trabalho; assim, foram tomadas medidas para evitar que qualquer escravo requeresse sua liberdade através de pagamento pela alforria, [para] evitar que comprasse sua liberdade pessoal ou a de seu filho. Assim, na Jamaica, na Virgínia, mais de 95% dos africanos eram escravos e, às vezes, próximo a 99% dos africanos eram cativos, e uma minúscula população de algumas centenas de pessoas livres, mesmo esses, houve uma tentativa de retirá-los completamente, de deportá-los. Então, temos um sistema altamente polarizado, no qual a escravidão tornou-se mais e mais permanente. As chances de um filho ou filha de um escravo tornar-se livre ou seus netos e netas tornarem-se livres eram muito pequenas. Portanto, eu vejo, mesmo, uma distinção com a emergência deste sistema escravista mais intenso. Algumas pessoas, o historiador Dale Tomich, acadêmico de SUNY Binghamton, utiliza a expressão “segunda escravidão” e, assim, talvez, nós possamos, usar esta terminologia, mas, certamente, os sistemas escravistas, com o desenvolvimento no Caribe e na América do Norte, tornaram-se muito diferentes daqueles tradicionalmente encontrados no Brasil e na América espanhola. Devo acrescentar algo muito importante: no século XIX, Brasil e Cuba, que haviam sido centros de uma escravidão muito tradicional, principalmente em cidades grandes como Rio de Janeiro e Havana, começaram a desenvolver o sistema mais intenso de plantation, um sistema mais integrado de plantation do que havia existido antes, mesmo no Brasil. E assim, ao mesmo tempo, a ideologia do escravismo tornou-se mais intensa, mais racializada, e o trabalho escravo foi crescentemente carregado para o setor de plantation, que é onde o preço dos escravos eram melhores. Assim, escravos que até então haviam sido servos domésticos, foram vendidos para o setor de plantation nos anos 1860 e tem-se um sistema mais concentrado de escravidão.

Sæculum: Parece que você está falando de uma diferença cultural entre os Ibéricos e os anglo-saxões.

Robin Blackburn: É cultural; também é de economia política: quer dizer, algumas vezes se pensa erroneamente que todo o trabalho nas minas de prata foi feito por escravos; agora, não foi esse o caso. Nas minas de ouro, havia uma grande proporção de escravos envolvidos, [também] nos diamantes, mas a produção de metais realmente grande ocorreu na *plata*, foi a prata, nos Andes e na América Central, e entre 90 a 95% dos trabalhadores eram indígenas; eram trabalhadores índios; alguns eram trabalhadores sob tributo, outros eram realmente trabalhadores assalariados. Havia um monte de trabalhadores assalariados, acima de tudo no Andes. Mas não havia [escravos], os escravos eram utilizados como artesãos nas cidades e como domésticos nos centros das cidades que os índios evitavam. Portanto, isso é apenas para esclarecer. Em alguma medida, é uma diferença cultural, mas também de economia política. A economia política da Espanha no período inicial,

e de Portugal e Brasil em menor medida, estava concentrada em metais preciosos e acima de tudo [na] prata. E o mecanismo espanhol constituído para a extração da prata incluía a escravidão como uma parte importante, mas não escravos como mineiros, eles não eram a força de trabalho da mineração [...] é interessante que havia trabalho assalariado e também um trabalho sob tributo. E eles [os espanhóis] encontraram um meio de fazer o trabalho sob tributo converter-se por meio dos salários em prata. Mas os espanhóis proprietários das minas, proprietários das concessões, eles possuíam alguns trabalhadores sob tributo das aldeias indígenas, mas esses aldeões ficavam por apenas 6 meses e eles não faziam os trabalhos mais complexos na mina. Havia uma camada profissional de trabalhadores assalariados por todo o Altiplano, mas também no México, e o rei espanhol extraía tributos das aldeias indígenas na forma de roupas e alimentos que eram consignadas para as áreas de mineração, o Altiplano, que é muito estéril, [onde] os mineradores profissionais estavam trabalhando por salários, abaixo de 300 pés de profundidade para cavar o minério da prata. Eles não tinham nenhum tempo para produzir comida ou roupas, então eles tinham de gastar o dinheiro que lhes era pago nas lojas do estado, nas lojas do rei, onde estavam os produtos do tributo que havia sido pago pelas aldeias índias. Assim, era um sistema sofisticado de exploração, onde os salários recebidos pelos indígenas, acima de tudo os mineiros profissionais [...] tinham de gastar quase todos os seus salários nas lojas do rei, e, assim, o rei obtinha um monte de prata pela cidade real, pela dedução de um quinto [...], o quinto real, pela venda de produtos do tributo nas *tendas* do rei, suas lojas, e finalmente pela emissão de *asientos* ou permissão para importar escravos da África e para a sua venda aos proprietários das minas para serem serviçais, não para se tornar mineiros, para se tornar serviçais ou cultivadores. A venda do *asiento*, a permissão de trazer escravos, era um outro modo pelo qual o rei espanhol fazia dinheiro.

Mas tudo isso é diferente a partir do surgimento, que primeiro aparece no nordeste brasileiro no final do século XVI e início do século XVII, temos o surgimento inicial da agricultura de *plantation* que a Inglaterra e a França desenvolvem em larga escala, acima de tudo no século XVIII. E isso leva para uma transição mais intensa para o capitalismo mundial, que eu referi antes. E também criou tradições, quando a Revolução Americana explodiu em 1776, quando a Inglaterra é derrotada pelos americanos em 1783, quando os escravos se levantaram em 1791 em Saint-Domingue, no São Domingo francês, quando a Revolução Francesa rompeu em 1789, quando os jacobinos tomaram o poder em 1793, nós temos uma intensificação da luta de classes política e da luta de classes social. As pessoas livres de cor começam a denunciar o caráter racial da escravidão e apresentam importantes medidas na Convenção Revolucionária, atacando a discriminação contra as pessoas livres de cor. Então, é interessante, as pessoas livres de cor tem uma contribuição a fazer, como os escravos. Elas atacam o racismo; os escravos atacam a instituição básica, a escravidão por ela mesma. E há uma população enorme de escravos; é quase meio milhão em Saint-Domingue, no São Domingos francês. E há uma tal desproporção e uma relação desequilibrada entre os escravos, que eram 80% da população, e a população livre de cor, e os brancos que eram apenas 10% da população ou ainda menos. [Há um]a radicalização da revolução, por volta

de 1794, eles declaram emancipação revolucionária nas colônias francesas, sob a pressão dos generais negros como Toussaint L'Ouverture e com a iniciativa dos comissários jacobinos como Sonthonax... E então, todo o sistema que havia sido o principal suporte da prosperidade da Europa Atlântica subitamente torna-se a cena de uma revolução sangrenta e do nascimento de uma nova liberdade porque os negros recém-liberados têm de enfrentar a resistência, primeiro dos espanhóis, que tentaram invadir a parte francesa da ilha de São Domingos, depois os britânicos que tentaram invadir em 1794 e depois, finalmente, os franceses, quando Napoleão desvia a Revolução Francesa e tenta suprimir a nova liberdade em Saint-Domingue e isso leva, desafortunadamente, à morte de Toussaint L'Ouverture depois de sua captura, mas a revolução prossegue naquilo que ele ajudou a criar e a república do Haiti é declarada em 1804.

Sæculum: Qual foi o impacto da escravidão e do tráfico de escravos na África, seja no passado, seja no presente?

Robin Blackburn: O tráfico de escravos retirou da África algo como 12 milhões de mulheres e homens jovens. Quase todos eles tinham idade entre os 12 e os 20 anos, portanto, eles eram jovens no início da vida e isto representou uma perda para a África destas pessoas jovens, que representavam um investimento de seus pais, que seria perdido pela África, que foi roubado da África. É muito difícil traçar o impacto exato, mas nós, de fato, sabemos que houve um impacto destrutivo, porque nós sabemos que o comércio de escravos, embora fosse conduzido por comerciantes africanos, criou um incentivo suficiente para reis e chefes africanos se engajarem em razias escravistas. De fato, os chefes e reis africanos eram, a maioria, desejosos de engajar-se em razias escravistas, o que exigiria não apenas têxteis e instrumentos de metal, mas também armas de fogo. No séc. XVII, a Europa estava exportando, de fato, os ingleses sozinhos estavam exportando duzentos e cinquenta mil armas cada ano para a África e isto foi um importante acréscimo à capacidade militar dos governantes africanos, especialmente aqueles que desejavam engajar-se em razias escravistas. Assim, estimulou guerras na África; os abolicionistas argumentaram isto e eles estavam completamente certos,, provavelmente, quer dizer... Nós temos que entender que a África neste período era muito distinta; é um continente extraordinariamente grande e não havia apenas uma língua africana; os povos tinham muitas línguas diferentes, culturas diferentes, religiões diferentes. O tráfico de escravos estimulou o conflito entre eles e pôs recursos nas mãos dos mais cruéis. Provavelmente, levou – eu acho que posso dizer certamente levou – à extinção real (não o genocídio) de alguns povos africanos em particular. Também levou ao surgimento de novas etnicidades que foram formadas a partir das guerras geradas pelos ataques escravistas, durante este período (e nós temos que nos lembrar disto) com doze milhões [de pessoas] tiradas da África. Normalmente, concorda-se que para produzir 12 milhões de cativos, deve haver adicionalmente cerca de 20 milhões ou mais que foram envolvidos, que foram vítimas, que foram mortos ou que morreram de doenças ou como resultado do surgimento do tráfico de escravos. Portanto, houve uma perda para a África; nós não temos dados exatos sobre o tamanho da população africana, [mas] nós sabemos que alguns

povos africanos simplesmente desapareceram; fala-se deles, escreve-se sobre eles e, então, eles desapareceram. Nós também sabemos que novos povos e culturas africanas repentinamente apareceram.

Portanto, o impacto foi muito forte e eu penso que um [impacto] triste e, eu devo dizer, bastante duradouro, foi [sobre] a coesão social, quer dizer, como na Europa, África e Ásia, as guerras têm existido na história humana em todos os tempos, e receio que desde que os registros [históricos] começaram, mas certamente elas foram muito estimuladas [na África]. Muito frequentemente, as guerras não eram destrutivas, porque havia um tipo de equivalência entre as partes em conflito. Neste caso, havia novos instrumentos mortais de guerra, como armas de fogo, como a importação de cavalos, os quais tornaram possível conduzir mais violência, o que levou, a cada ano, à origem de dezenas de milhares de cativos: quarenta mil, às vezes tanto quanto cem mil cativos [enviados] através do Atlântico em apenas um ano. Assim, talvez, no longo prazo, o pior preço que a África pagou [consistiu] nas formas do Estado; eles eram muito predatórios, eram encorajados [a ser] e os colonialistas europeus do final do séc. XIX envolveram a África, criaram colônias, utilizando o argumento que eles tinham estado encorajando a escravidão e o tráfico de escravos e estavam agora argumentando que eles iriam suprimir a escravidão e o tráfico de escravos. Eles não foram muito bem sucedidos nisto; custou a eles um bom tempo para terem algum impacto e mesmo nos dias de hoje há formas sociais predatórias em partes da África, em Uganda, por exemplo: o *Lord's Resistance Army*¹³, que reflete aquela organização predatória do Estado, que você encontra recuando diretamente à história do escravismo e do tráfico de escravos.

Sæculum: Qual tem sido o impacto do materialismo histórico nas pesquisas sobre a escravidão.

Robin Blackburn: Eu gostaria de dizer que há um conceito em particular que Marx desenvolveu e que, posteriormente, escritores marxistas desenvolveram numa forma interessante para dar conta da escravidão. Eles colocaram a questão de que antes de o capitalismo mesmo existir, ele precisa de um ponto de partida histórico, precisava de novas relações sociais e de um elemento de excedente social para investir na produção, (e isto [de sociedades] comumente chamadas de “sociedade não capitalista”,) [que] surgiria da intensificação de fontes tradicionais de exploração, como na servidão na Europa Oriental ou como na escravidão nas Américas. Assim, no [volume] 1 de *O Capital*, Marx tem um capítulo no qual ele discute as formas de acumulação primitiva, como ele denomina a acumulação inicial, e nós concluímos que isto inclui as *plantations* escravistas, inclui a expropriação dos camponeses e pequenos produtores Europeus e inclui o tráfico de escravos e a devastação da África. Este é um dos mais eloqüentes e poderosos capítulos n’*O Capital*, volume 1, e posso recomendar que o leiam, o capítulo sobre a acumulação primitiva. Eu devo dizer que está em andamento, atualmente, um desenvolvimento, ou uma revisão, do argumento marxista. Max tendia a postular a acumulação primitiva como algo relacionado com a história inicial do capitalismo, e quando o capitalismo

¹³ Movimento armado fundamentalista que atua em Uganda e no Sudão do Sul.

tornou-se mais maduro, consideraria a acumulação primitiva desnecessária. Este é, de certa forma, o argumento de Eric Williams em *Capitalismo e Escravidão*. Ele afirmou que, [depois do] amadurecimento das *plantations* escravistas, o capitalismo realmente não precisou mais da escravidão, porque criou fábricas, trabalho assalariado e formas de obrigar os trabalhadores, através da fome, a trabalhar, porque eles não tinham dinheiro para comprar comida e pôr comida na mesa para a sua família ou um teto sobre a cabeça daquela família. Portanto, havia um tipo de compulsão econômica que substituiu a compulsão física direta da escravidão. Agora, há alguma verdade nesta idéia, mas, de fato, nós observamos, como historiadores, - e eu acredito que é algo que os historiadores, um número diferente de historiadores, alguns influenciados pelo marxismo, tem [observado], [e é] certamente um argumento que eu tenho tentado desenvolver: nós temos visto regimes de acumulação primitiva estendida. Não é a acumulação primitiva que ocorreu de uma vez por todas nos séculos XVI e XVII e, então, pelo século XIX, nós temos um capitalismo meteórico; não. Acontece que o capitalismo do séc. XIX é baseado primeiramente no trabalho escravo e, posteriormente, na segunda metade daquele século, [baseado na] força de trabalho colonial, muito mais do que antes. Acho que já mencionei que, por volta de 1860, havia seis milhões de trabalhadores escravos nas *plantations* da América. Após a queda das *plantations* escravistas nos Estados Unidos, Brasil e Cuba, nos anos 1880, precisamente naquele período, houve os confrontos de 1883 a 1884, nos quais as potências européias dividiram o continente africano e permitiram ao rei Leopoldo da Bélgica assumir o controle do Congo e desenvolver um vasto sistema de escravidão no Congo, no Congo Belga, para produzir borracha, algo que também estava sendo produzido na bacia amazônica, no Brasil, usando métodos de recrutamento e exploração do trabalho [que] às vezes eram muito próximos da escravidão. Eles se assemelhavam à escravidão em muitas maneiras importantes, e correspondiam ao uso de força física, não apenas à compulsão puramente econômica, correspondendo, aquela força [de trabalho], ao conceito marxista de acumulação primitiva. Assim, nós temos uma ideia de acumulação primitiva estendida, que é temporariamente ampliada. Dale Tomish, que eu mencionei anteriormente, *The Second Slavery Group Network*¹⁴ - eu acho que um exemplo clássico aqui seria Rafael de Bivar Marquese, o historiador brasileiro, ou Ricardo Salles, outro historiador brasileiro, ambos influenciados pelo materialismo histórico, que têm chamado a atenção para o modo pelo qual a acumulação primitiva não desapareceu, mas, efetivamente, tornou-se mais importante e, é triste dizer, ainda está presente no mundo em que vivemos hoje: há crianças trabalhadoras; há dezenas de milhares de crianças trabalhadoras; há mulheres trabalhadoras que trabalham em condições nas quais há coação extra-econômica, que não é de caráter puramente econômico. Estas crianças de nove ou dez anos, que apanham algodão nos campos do Uzbequistão, ou que estão trabalho em Bombaim em fábricas têxteis, de têxteis de algodão,

¹⁴ *The Second Slavery Network* é um grupo internacional de pesquisadores organizado pela Internet, cujo foco de atividades é a pesquisa sobre o problema da “Segunda escravidão” (Agradecemos ao prof. Dale Tomich pelas informações prestadas). Para conhecer a abordagem do autor, ver: TOMICH, Dale. *Pelo prisma da escravidão: trabalho, capital e Economia mundial*. São Paulo: EDUSP, 2011.

elas estão sendo obrigadas por seus pais a fazê-lo; seus pais claros, refletem a compulsão econômica, mas as próprias crianças estão sendo compelidas pela força física, tanto quanto pela necessidade econômica. Então, acho que estamos diante de um tipo de acumulação primitiva.

Agora, eu insistiria que o materialismo histórico tem produzido algumas figuras proeminentes que têm escrito sobre o desenvolvimento histórico das formações sociais escravistas nas Américas e elas têm atuado para explicar os tipos peculiares de cultura, a economia política e as formas de luta de classe que eram típicas destas sociedades escravistas. Elas também têm sido capazes de mostrar o papel dos ideais de trabalho livre; de trabalho que é independente, autônomo; trabalho que é educado e que tem acesso à educação e civilização; do trabalho organizado, que tem direito à organização e é capaz de desenvolver movimentos para derrubar a escravidão, como nos Estados Unidos no período da emancipação dos anos 1860, durante a grande Guerra Civil nos Estados Unidos e, posteriormente, as lutas sociais no Brasil e em Cuba, pelos quais, então, os escravos desertaram as plantações; [nas] quais, então, os trabalhadores assalariados, por exemplo, os trabalhadores ferroviários, ajudaram os escravos a fugir das plantações. Portanto, nós temos uma luta de classes enriquecida e esta riqueza é um ponto particular, um ponto alto, um *crescendo*, e o sistema escravista começa a entrar em colapso, como no Brasil em 1888, e aconteceu nos Estados Unidos de 1864 a 1865, aconteceu na Martinica em 1848, aconteceu em S. Domingo no final dos anos 1780 e nos 1790, ou os grandes levantes de escravos nas ilhas britânicas: na Guiana, em 1823, ou na Jamaica, em 1831 e 1832, o que é algo que eu tenho precisamente assinalado, e eu sou influenciado, por exemplo, pelo trabalho de Eric Hobsbawm, *A Era das Revoluções*¹⁵. Eu tenho indicado o grande eixo de emancipação nas Américas. Este é um dos principais argumentos que eu desenvolvi em *A queda do escravismo colonial*¹⁶. É algo tão central no capitalismo do Atlântico, [que] tinha que ser uma profunda crise; foi uma crise que produziu um questionamento da propriedade privada; foi uma crise que produziu um questionamento do racismo e da exclusão, e uma crise que levou a uma concepção diferente do interesse nacional; [sobre] quem era membro da nação. Tornou-se importante, [porque] as pessoas negras eram membros da nação. O presidente republicano dos Estados Unidos durante a Guerra Civil, Abraham Lincoln, ele precisava de soldados negros; duzentos mil deles, afinal, alistaram-se objetivando derrotar os Confederados no Sul. Da mesma forma, a Revolução Francesa, em 1794, precisava do apoio dos escravos para derrotar os Realistas proprietários das *plantations* e vídeo 3: 17'05'' [das] Ilhas Britânicas. Assim, houve um poderoso motivo para incluir as pessoas de cor. E este novo tipo de luta de classes complexa é algo sobre o qual tem sido escrito por Jacob Gorender, o marxista brasileiro, por Eugene Genovese, o marxista americano, por... Bem, de fato, Eric Williams não deu inteira importância que ela deveria ter [a revolta escrava]; não há um capítulo sobre as revoltas escravas [em *Capitalismo e Escravidão*]. Porém, claro, C.L.R. James realmente ofereceu o mais complexo e convincente relato [sobre o tema]. Portanto, eu diria que há uma rica tradição de escritos marxistas sobre isto e é algo em que o próprio Marx esteve interessado de

¹⁵ HOBBSAWM, E. *A Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

¹⁶ BLACKBURN, R. *A queda do escravismo colonial*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

perto. Ele era um grande apoiador da emancipação nos Estados Unidos, na União, no Norte, à época da Guerra Civil americana. A Primeira Internacional que Marx ajudou a fundar, da qual ele era secretário – eles eram a Associação Internacional dos Trabalhadores – enviou congratulações a Lincoln, quando ele foi reeleito em 1864, e Lincoln respondeu. Ele recebia milhares, dezenas de milhares de cartas, mas ele escolheu responder a trabalhadores europeus, porque ele sabia que eles eram importantes aliados; ele sabia que os trabalhadores europeus estavam impedindo a França e a Grã-Bretanha de entrarem na guerra ao lado da Confederação Sulista. Assim, Marx mesmo desenvolveu, parte analisando o que estava ocorrendo na América, [o conceito de] acumulação primitiva, em parte, analisando as formas de resistência que foram desenvolvidas, e, em parte, analisando a nova luta de classes, [...] entre trabalhadores brancos livres e escravizados, escravos e pessoas livres de cor, como um importante conjunto de alianças. O argumento do trabalho livre também tinha apelo para doutores e advogados, para profissionais [liberais]; eles se ressentiam do poder dos proprietários de escravos, porque os proprietários de escravos tendiam a ser muito arrogantes, paternalistas. E, por isso, muitos trabalhadores livres ressentiam-se dos proprietários de escravos e os viam como uma ameaça. E eles não gostavam do fato que os proprietários de escravos exigiam que todos deveriam respeitar a instituição da escravidão e deveriam vir em seu socorro, não em socorro dos escravos oprimidos, mas, ao contrário, em socorro dos proprietários de escravos. Eu acho que em Fortaleza, os jangadeiros, que eram trabalhadores de cor livres, eles vieram contra o tráfico interno de escravos e se recusaram a participar naquele comércio de escravos, e ajudaram a enfraquecer a escravidão aqui no Brasil, e isolaram os proprietários de escravos. Portanto, é um complexo. Para dizer a verdade, há um grande número de historiadores marxistas que contribuíram, vários, como Moreno Friginals¹⁷, no caso de Cuba, que eu não mencionei, ou José Luciano Franco, [também] no caso de Cuba. Outro importante autor é W.E.B. Dubois, o grande historiador afro-americano do tráfico de escravos e da reconstrução nos anos 1870; ele seria uma figura [a quem sem deveria] referir. Eu estou justamente lendo um importante livro sobre o Vale do Mississipi, um livro novo, escrito por Walter Johnson¹⁸, que é um relato tremendo do sistema escravista dos Estados Unidos em meados [do século XIX] e os problemas que enfrentou. Portanto, eu acho que o marxismo tem uma rica contribuição, realmente, para a história da escravidão e a da abolição [da escravidão].

Sæculum: Tem havido uma tendência, sobretudo na chamada História Atlântica, em reduzir a importância das fronteiras políticas na formação da economia e das sociedades atlânticas. O que você pensa sobre isso?

Robin Blackburn: O comércio e o regime social de escravidão do qual estávamos falando constituíram-se dinamicamente em uma economia Atlântica, com as trocas tomando lugar na Costa da África, no Caribe, na América do Sul, na América do

¹⁷ FRAGINALS, Manoel Moreno. *O Engenho: complexo sócio-econômico açucareiro cubano* – 2 vols. São Paulo: Hucitec, 1989.

¹⁸ JOHNSON, Walter. *River of Dark Dreams: slavery and Empire in the Cotton Kingdom*. Cambridge: Harvard University Press, 2013.

norte e na Europa, e, muito comumente, você tem padrões de comércio triangular ou até quadrangular e, eu penso, o que está frequentemente conduzindo isto é a atração pelo exótico. Você perguntou anteriormente se a minha explicação para o surgimento do capitalismo e para o surgimento da industrialização na Europa é orientada pela demanda, e eu respondi que o que penso é que existiu algo que aguçou o apetite, estimulou os consumidores europeus, – havia algo de extraordinário no açúcar, quero dizer, a abundância do açúcar, a abundância relativa do açúcar, [que] ainda era um produto de luxo, mas era algo que veio [a ser usado] entre os ricos, até mesmo pessoas pobres [usavam o açúcar] em pequenas quantidades, e isto era muito diferente em relação à Idade Média, antes das descobertas, onde a única fonte de adoçante era o mel, e era, claro, muito valorizado, mas não havia outra fonte importante de adoçante, e o advento do açúcar, certamente, mudou muito as coisas, por exemplo, fazer cerveja; nem todo mundo notou que o açúcar poderia ser utilizado [nisto], ou mesmo na fabricação de vinho de qualidade, em Portugal por exemplo, no vinho do porto.

O açúcar é um aditivo, um ingrediente, naquilo que chamamos compotas e conservas, preservando a fruta no processo de fazer pães e confeitaria, em fazer bolos; o açúcar é versátil em tantas maneiras. Algumas pessoas chamaram a atenção para sua contribuição como caloria no nível energético. Eu acho que pode ter tido importância algumas vezes, mas eu penso realmente [na] sua qualidade como uma droga, o modo como as crianças são fascinadas por doces, [o papel dos] jovens europeus no desenvolvimento do capitalismo naquele continente. E aí temos de considerar todas as frutas estranhas e coisas como café, coisas como os têxteis, os têxteis de algodão. É difícil pensarmos-nos [como se] voltássemos àquela época, mas o café como um estimulante era extremamente importante. Os bancos da cidade de Londres, todos eram casas de café, esse foi o modo que eles começaram: casas de café desenvolveram-se em berços do capitalismo e em bancos. O algodão era muito mais fácil de usar sobre a pele: é mais fácil de lavar, proporciona assim um novo tipo de comodidade e [um novo] tipo de luxo. E tem os corantes brilhantes como índigo. Você está usando jeans? Acho que você está usando jeans.

Gustavo Acioli Lopes: Jeans.

Robin Blackburn: Feito com algodão, tingido com índigo, ambos produzidos por escravos; e assim eles [europeus] vestiriam [jeans], eles tomariam café, adoçado, o café seria adoçado e, assim, tem-se o ‘fast food’ moderno, você tem o pacote de consumo, que exercia uma fascinação nos europeus. Então, eu acredito que isto torna a ideia de consumo em algo que não é passivo, mas na verdade muito ativo e é claro que ele cruza as fronteiras. Fronteiras eram, em última instância, importantes, mas a primeira *plantation* de verdade foi desenvolvida no Brasil, no Nordeste, ou em Barbados, sem o governo realmente ter pretendido isso. Então, foi um produto espontâneo do sistema de livre mercado capitalista, proto-capitalista ou, por exemplo no tráfico de escravos. Embora alguns governos [tenham] comissionado companhias de tráfico de escravos, 95% de todos os escravos que foram vendidos foram negociados por mercadores livres, eles estavam praticando

sua própria forma de comércio livre ou ao menos um comércio mais livre. Pelo século XIX, há um comércio livre de bens produzidos por escravos nas Américas. A Revolução Americana começou uma época de comércio livre que foi a época de maior produção de bens por escravos e levou a um período em que a produção por escravos chegou ao máximo de sua influência. Claro que isso não significa que as fronteiras eram realmente irrelevantes: as fronteiras eram necessárias para eventualmente levar a cabo as leis que defenderiam a escravidão e para levar a cabo as leis que [mais tarde] iriam opor-se, extinguir e derrubar a escravidão.

Então, no final, a batalha pelo poder do Estado, as lutas revolucionárias, foram extraordinariamente importantes em derrubar a escravidão, algo que eu estava falando há pouco. A primeira ruptura contra a escravidão coincidiu com a Revolução Francesa e Haitiana. Uma segunda grande ruptura foram as revoluções hispano-americanas de 1818, 1819, 1820. Elas interromperam o tráfico de escravos e introduziram o Estado de Direito livre nas Repúblicas hispano-americanas. Assim, ocorreram as revoltas escravas e a emancipação nas colônias americanas em 1833 e isso coincidiu com a grande crise do sistema político britânico, a crise do “Reform Act”¹⁹ e, em 1848, com a emancipação na Martinica e em Guadalupe e a revolução na França. Ocorre ainda a Guerra Civil Americana e a emancipação nos Estados Unidos, e aí, em Cuba, há uma luta de libertação nacional e emancipação; no Brasil, há lutas de massa pela emancipação e, então, a derrubada do Império. Portanto, o Estado que garante as fronteiras, que garante as instituições sociais como a escravidão, está amarrado, não é um agente que atua livremente, o Estado: o Estado está em disputa para dominar o comércio Atlântico e para reter e manter o controle sobre o máximo do excedente [econômico] que puder.



¹⁹ Reform Act (1832): ato legislativo que reformou as eleições parlamentares na Inglaterra, sucedendo uma ampla campanha popular pela mudança nas regras eleitorais.